



Limpo, junto a Manuela Mendça, en la entrega de diplomas.

Luis Alfonso Limpo ingresa en la Academia Portuguesa de la Historia

OLIVENZA

La institución lusa entregó a los nuevos académicos el diploma acreditativo en su primera sesión del año

:: EVA MARÍA NEVADO

El cronista oficial y archivero-bibliotecario de Olivenza, Luis Alfonso Limpo, tomó posesión de forma oficial, el pasado 11 de enero, de su cargo como académico correspondiente español de la Academia Portuguesa de la Historia, un nombramiento motivado por una trayectoria de aproximación a la cultura portuguesa desde España. En su primera sesión de 2017, la Academia Portuguesa de la Historia recibió a los miembros correspondientes elegidos en 2016, a los que se entregó un diploma acreditativo de manos de la presidenta de la Academia, Manuela Mendça.

La profesora y doctora recordó, en el caso de Luis Alfonso Limpo, la trayectoria investigadora y contribución al diálogo luso-español de este oliventino, como organizador de los Encuentros de Ajuda en 1985.

Guerra de las Naranjas

Durante su intervención, Limpo hizo referencia a «las páginas brillantes de heroísmo y victoria» que Olivenza escribió bajo soberanía portuguesa, así como a la «página de humillación y derrota en la historia de Portugal»

que supuso el abandono del enclave en la Guerra de las Naranjas, tras la definitiva destrucción del puente de Ajuda. Este hecho fue elegido por el cronista oficial de Olivenza como centro de sus investigaciones, como él mismo señaló, «por ser el origen de la identidad histórica de los oliventinos, que una noche de junio de 1801 se acostaron portugueses y al día siguiente amanecieron españoles».

Un repaso a las diferentes perspectivas desde las que se ha abordado la Guerra de las Naranjas y la conclusión de que la pérdida de Olivenza debe ser tratada desde una perspectiva transatlántica, completaron un discurso que concluyó insistiendo en la necesidad de situar en un contexto global la pequeña Guerra de las Naranjas para comprender el artículo 105 del Congreso de Viena.

El nuevo académico correspondiente, que lo es también de las Academias de Extremadura y Bellas Artes de San Fernando, recordó para terminar que en mayo de 2017 se cumple, precisamente, el bicentenario de la adhesión española al tratado, origen del litigio fronterizo de Olivenza.

Para el cronista se trata de un litigio que no es responsabilidad de los historiadores solucionar, pero sí está en su mano evitar a la memoria colectiva los falsos recuerdos y los falsos paralelismos con Gibraltar. Sentiremos plenamente cumplida nuestra misión, concluyó Limpo, «si aclarando el pasado de Olivenza conseguimos algún día aclarar también su futuro, cicatrizar la vieja herida».



Luis Alfonso Limpo.

AGRADECIMIENTO A LA ACADEMIA PORTUGUESA DE LA HISTORIA TRAS HABER SIDO NOMBRADO CORRESPONDIENTE

Agradeço à Academia Portuguesa da História a honra de ter sido eleito seu correspondente em Olivença. Uma terra castelhana de origem, unida a Portugal pelo Rei D. Dinis em 1297. Uma terra que durante cinco séculos, com o Guadiana às costas, escreveu páginas brilhantes de heroísmo e vitória. Na crise de Aljubarrota, na Restauração de 1640, na Guerra de Sucessão espanhola. Mas a Coroa não pôde manter esse esforço bélico após ficar definitivamente cortada a ponte-fortaleza de Ajuda, que mantinha Olivença unida *ao resto* de Portugal. Nos fins do século XIX a praça além-Guadiana foi abandonada, confiando que a diplomacia recuperasse o que não foi defendido com as armas.

A *Guerra das Laranjas* representa uma página de humilhação e derrota na história nacional. A História, devemos reconhecê-lo, foi sempre mais proclive a louvar vitórias do que a lembrar derrotas. Nós, historiadores, prestámo-nos antes a comemorar triunfos do que a reflexionar criticamente sobre os fracassos. Seria mais cómodo privilegiar na história de Olivença as páginas heróicas sobre essa página de vergonha que foi a *Guerra das Laranjas*, satirizada por Tolentino no seu *Diálogo dos três cagões: Batalha, Stockler e Lafões*. Chegados ao século XXI, os historiadores já não somos inocentes. Sabemos que essa história “reflexo-fidedigno-do-passado” foi quimera positivista do século XIX. Dentro da abrumadora diversidade dos factos, o historiador escolhe uns e rejeita outros. Minha escolha de investigação foi a derrota militar da *Guerra das Laranjas* e a derrota política do Tratado de Badajoz. O momento mais importante na História de Olivença, após o Tratado de Alcanices.

Fiz essa escolha porque é o facto constitutivo da singular identidade histórica dos oliventinos, que uma noite de Junho de 1801 deitaram-se portugueses e acordaram espanhóis. Estudar monograficamente os diversos episódios da *Guerra das Laranjas* numa perspectiva peninsular, completando as fontes portuguesas com as espanholas, foi também a escolha do Prof. Doutor **ANTÓNIO VENTURA**, que tem dedicado ao assunto vários dos seus livros. Nessa mesma linha trabalhamos nós além Guadiana. Mas não basta substituir o estreito quadro nacional português pelo mais amplo quadro peninsular. É preciso analisar a *Guerra das Laranjas*, e os Tratados de Badajoz que lhe seguiram, no quadro ainda mais amplo das relações internacionais da Europa de 1801,

marcada pelo forte antagonismo franco-britânico. Com notável acerto o Prof. Doutor **ANTÓNIO PEDRO VICENTE** calificou a breve campanha de 1801 como “primeira invasão francesa”, gorada pela interposição protectora de Manuel Godoy. Nessa mesma linha de investigação aproveitamos o bicentenário de 2001 para traduzir uma parte do *Napoléon et l’Espagne*, a obra cimeira do grande historiador francês André Fugier. É meu propósito completar o estudo da *Guerra das Laranjas* não só numa perspectiva peninsular e europeia, mas situando o conflito numa perspectiva transatlântica, na linha do que já fora feito pelo Tenente General **SILVINO DA CRUZ CURADO** e o Prof. Doutor **MANUEL AMARAL**. Como fez Saramago, também nós, historiadores, devemos subir à nossa jangada e, olhando para a América, fazer nova viagem de redescoberta. Hoje a perda de Olivença, facto em apariência de micro-história na Banda Oriental do Guadiana, não pode ser estudada sem ter em conta as repercussões que o conflito teve na Banda Oriental do Rio da Prata, no sul do Brasil. Alargando a perspectiva peninsular e eurocêntrica a uma mais larga perspectiva transatlântica, a derrota metropolitana de 1801 transforma-se em vitória ultramarina. Situar a guerra de 1801 nesse contexto global resulta obrigatório se quisermos entender o artigo 105 da acta final do Congresso de Viena.

Cumpre-se em Maio d’este ano o bicentenário da acessão espanhola ao Tratado de Viena, origem dessa pedra no sapato das relações luso-espanholas que é a Questão de Olivença: o Gibraltar português. Mas a missão dos profissionais da História não é solucionar velhas pendengas fronteiriças. A missão dos profissionais da História é nada mais - ou nada menos... - que poupar à memória coletiva as falsas lembranças, os falsos paralelismos. Foi Paul Valéry quem lançou esta dura invectiva contra todos nós, que nunca devemos esquecer : “ A história e o produto mais perigoso que possa elaborar a química do intelecto.” Sentiremos plenamente cumprida nossa missão de serviço à sociedade em geral, e a esta douta Casa que teve a bem acolher-nos em particular, se aclarando o pasado de Olivença conseguirmos um dia aclarar também seu futuro, cicatrizar a velha ferida.

O dia feliz em que Olivença deixe de ser um malentendido histórico, a nova ponte de Ajuda sobre o Guadiana poderá ser autêntico símbolo do entendimento peninsular, da Europa unida e sem fronteiras de Maastricht, junto às duas metades da velha ponte manuelina de Ajuda, símbolo do antagonismo peninsular e da Europa convulsa de Utrech.

11/01/2017